

SEÇÃO IV

Economia Agrícola

Sumário

A previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário é de crescimento, em 2020, de 3,4%, caso o prognóstico de safra adotado seja do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Caso se utilize o prognóstico de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), mais otimista, o crescimento do PIB do setor seria mais alto, de 4,1%. Essa alta, em ambos os cenários para a safra 2019/2020, representa uma forte aceleração da atividade do setor em relação ao ano passado, quando o crescimento foi de 0,7% – de acordo com a nossa estimativa. Por segmento, a previsão de 2020 é de alta de 3,9% (cenário safra IBGE) ou de 5% (cenário safra Conab) no valor adicionado da lavoura e de 3,5% no valor adicionado da pecuária. As culturas que deverão contribuir mais para o crescimento do valor adicionado da lavoura seriam a soja (alta de 8,7% na produção, de acordo com o IBGE) e o café (13,1%). Em relação à pecuária, todos os componentes devem impulsionar o crescimento do valor adicionado do segmento.

Em relação aos dados de comércio exterior da cadeia do agronegócio, em 2019, as exportações caíram 5% (em valor) apesar do crescimento expressivo em valor de produtos importantes na pauta de exportação – como o milho, carnes bovina e de frango e o algodão. A queda das exportações é explicada, principalmente, pela contração das vendas externas da cadeia da soja. Além disso, as exportações de celulose e o açúcar também apresentaram quedas. Embora o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais seja muito inferior ao das exportações, impactando pouco na balança comercial do agronegócio, houve pequeno crescimento de 1% em 2019, comparado com 2018. O trigo – produto de maior valor da pauta – apresentou leve queda de 1% no valor importado, o qual foi amplamente compensado com o aumento das importações de malte.

Esta seção conta ainda com a análise detalhada dos mercados e preços agropecuários domésticos feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP). Na comparação anual de 2019 em relação a 2018, os preços aumentaram para todos os produtos pecuários. No caso dos produtos agrícolas, a soja, o algodão, a laranja e o café tiveram os menores preços na média de 2019, apesar do forte crescimento no último trimestre do ano. No caso do milho, os preços foram maiores em 2019 comparado a 2018.

Esta *Carta de Conjuntura* também conta com a subseção de crédito rural, que apresenta as contratações e as condições de crédito. Ainda que no agregado do crédito

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Dimac/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

rural o volume e o número de contratos tenham recuado em 2019 ante a 2018, observam-se uma importante recuperação na segunda metade do ano e um bom desempenho das linhas de custeio e investimento, assim como do crédito à pessoa física de todos os portes. Ao longo de 2019, observou-se também a continuidade da trajetória de redução das taxas médias de juros do crédito rural.

Por fim, a *Carta* conta nesta edição com a subseção de insumos, com destaque para os fertilizantes e a produção de máquinas agrícolas.

1 PIB agropecuário 2019 e 2020 ¹

O Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea estima que o produto interno bruto (PIB) agropecuário tenha crescido 0,7% em 2019. Levando em consideração as estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estimamos um crescimento de 1,1% no PIB da lavoura. Para o segmento de pecuária, com base nas informações das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha – complementadas por previsões econométricas da Dimac –, estimamos um crescimento de 2,8% no PIB. Em sentido contrário, o componente outros² deve contribuir negativamente para o setor, com uma queda de 2,8% em 2019.

Para 2020, a previsão do PIB é de aceleração do setor agropecuário. Foram elaboradas duas previsões a partir dos prognósticos do IBGE e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2019/2020, ambos divulgados em fevereiro de 2020. Com base no primeiro, a previsão da Dimac/Ipea de crescimento do PIB agropecuário é de 3,4%. O prognóstico de safra da Conab é mais otimista, gerando uma previsão (da Dimac/Ipea) mais elevada, de 4,1%. Para o nível de atividade do segmento de pecuária, em ambas as projeções, utilizamos as previsões de produção do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA) – complementadas por previsões econométricas da Dimac. A seguir, a descrição mais detalhada dos determinantes do crescimento de 2019 e de 2020.

1.1 PIB Agropecuário do quarto trimestre de 2019

No quarto trimestre de 2019, estimamos que o PIB do setor agropecuário tenha recuado 2,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. O resultado do período pode ser explicado pelas quedas nas safras (2018/2019) de cana-de-açúcar (2,1%), mandioca (2,1%) e trigo (1,4%) – segundo dados do LSPA/IBGE. Entre as variações positivas na agricultura, o destaque ficou para a safra de laranja, que cresceu 5,6%. A pecuária, por sua vez, apresentou crescimento de 1,1%. Os destaques para o trimestre foram as altas na produção de suínos (7,8%) e de ovos

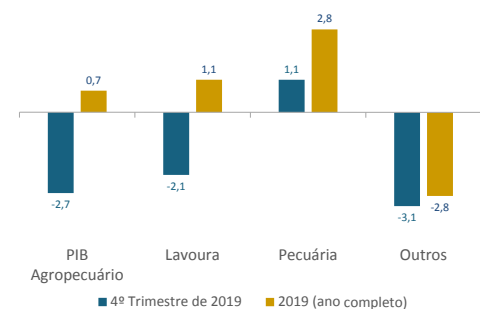
1. Subseção elaborada por Pedro M. Garcia, José Ronaldo de C. Souza Júnior e Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea.

2. O componente outros inclui: produtos da exploração florestal e da silvicultura; pesca e aquicultura (peixe, crustáceos e moluscos).

(4,3%) – de acordo com os dados das pesquisas trimestrais do IBGE mostrados no gráfico 2. Os demais produtos apresentaram pequenos aumentos, a exceção da produção de leite, que teve queda de 0,9%.

GRÁFICO 1
Previsão de crescimento do PIB agropecuário por componente (4o trim./2019)

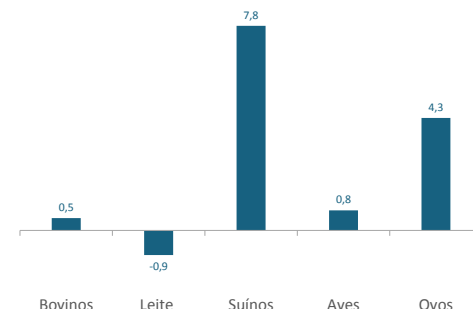
(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
Pecuária: taxa de crescimento interanual do volume produzido (4o trim./2019)

(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.2 PIB da agropecuária em 2019

Como mencionado na *Carta de Conjuntura* no 45, as previsões de safra do LSPA indicam que o resultado positivo do ano pode ser explicado principalmente por altas significativas na segunda safra de milho (34,1%) e na safra de algodão (39,8%). O forte crescimento dessas duas culturas amenizou o impacto negativo de produtos relevantes da composição do componente, como a soja (-1,5%) e o café (-1,1%), que contribuíram negativamente para o PIB da lavoura em 2019 (tabela 1).

TABELA 1
Previsão da produção agrícola para 2019
(Em % e pontos percentuais)

Produtos da Lavoura	Varição prevista na produção (em %)	Contribuição para o crescimento do PIB da lavoura (em pontos percentuais)
Arroz	-12,6	-0,3
Milho	23,6	2,1
Trigo e outros cereais	-1,4	0,0
Cana-de-açúcar	-1,0	-0,1
Soja	-3,7	-1,5
Outros produtos e serviços da lavoura	1,1	0,2
Mandioca	-2,1	-0,1
Fumo	-4,4	-0,1
Algodão herbáceo e outras fibras	39,8	1,7
Laranja	5,6	0,1
Café	-16,6	-1,1

Fonte: LSPA/IBGE e Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No que se refere à pecuária, os destaques são as altas de produção de bovinos, suínos e ovos (tabela 2). A produção de bovinos, que é o produto de maior peso no componente, apresentou crescimento de 2,7%, o que representa uma contribuição positiva de 1,4% para o fechamento do ano. Em 2019, a pecuária foi beneficiada principalmente pela peste suína africana (PSA) na Ásia, pela habilitação de novas plantas para exportação e pelo aumento da quantidade exportada.

TABELA 2

Previsão da produção pecuária para 2019

(Em % e pontos percentuais)

Produtos da Pecuária	Variação prevista na produção (em %)	Contribuição para o crescimento do PIB da pecuária (em pontos percentuais)
Bovinos	2,7	1,4
Leite	2,2	0,4
Suínos	4,2	0,3
Aves	0,0	0,0
Ovos	6,2	0,6

Fonte: IBGE e Dimac/Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.3 PIB da agropecuária em 2020

Como foi apresentado no início da seção, a Dimac/Ipea trabalha com dois cenários para a projeção do PIB Agropecuário de 2020, utilizando os prognósticos da safra 2019/2020 do IBGE e da Conab (ver tabela 5), ambos com crescimento (3,4% e 4,1%, respectivamente). Nos dois cenários, o componente que mais deve contribuir positivamente para esse resultado é a lavoura, que deve crescer acima de 3,9% devido principalmente ao crescimento esperado nas produções de soja e café. As previsões para a safra 2019/2020 da soja indicam que a produção deste segmento, que é o de maior peso na lavoura, deve crescer entre 7,1% (segundo a Conab) e 8,7% (de acordo com o IBGE). Aliado a isso, é esperada uma alta de dois dígitos na produção de café, que entra no ano positivo de sua bienalidade (tabela 3). Para a pecuária, as estimativas indicam um crescimento de 3,5% em 2020. Todos os segmentos devem contribuir positivamente, com destaque para a produção de suínos, com alta de 4,5% (tabela 4). No sentido contrário, esperamos um novo ano de redução no componente outros, que deve apresentar queda de 4,1%.

Um dos riscos dessas projeções de PIB do setor neste ano é o efeito do coronavírus sobre a demanda por produtos agropecuários. Os dois produtos com maior peso no valor adicionado do PIB Agropecuário – soja e carnes – também são itens relevantes na pauta de exportações para a China. Contudo, o efeito esperado sobre a produção de soja não é significativo, nesse primeiro momento, porque essa cultura já iniciou sua fase de colheita, e o PIB é contabilizado pelo volume colhido, e não pela quantidade exportada. No caso da carne bovina, que possui uma produção mais dinâmica, o impacto potencial pode ser maior. Os problemas enfrentados atualmente pela China, como a implementação de quarentena em diversas cidades e as dificuldades de armazenamento dos contêineres refrigerados nos portos chineses, acarretam uma dificuldade para a circulação de mercadorias. Apesar das exportações do produto continuarem crescendo, a incerteza em relação ao mercado

asiático pode ter sido um dos fatores que contribuiu negativamente para a queda dos preços do boi gordo nos mercados futuros.



TABELA 3
Previsão da produção para a safra 2019/2020
(Variação, em %)

Segmentos	LSPA/IBGE	CONAB
Algodão herbáceo	1,6	1,61
Amendoim (Total)	4,3	18,84
Amendoim (1ª Safra)	4,4	19,30
Amendoim (2ª Safra)	-1,0	3,23
Arroz	1,0	0,63
Banana	-3,0	n.d.
Batata-inglesa (Total)	-0,9	n.d.
Batata-inglesa (1ª Safra)	0,5	n.d.
Batata-inglesa (2ª Safra)	-2,2	n.d.
Batata-inglesa (3ª Safra)	-1,6	n.d.
Cacau	-5,9	n.d.
Café (Total)	13,1	15,9 a 25,8
Café Arábica	22,3	26,0 a 34,1
Café Canephora	-7,7	-7,1 a 6,8
Cana-de açúcar	0,3	3,59
Feijão (Total)	1,7	1,17
Feijão (1ª Safra)	3,8	9,39
Feijão (2ª Safra)	10,1	-3,69
Feijão (3ª Safra)	-19,7	-1,30
Girassol	n.d.	-6,48
Fumo	-2,1	n.d.
Laranja	4,2	n.d.
Mamona	-3,5	1,63
Mandioca	1,9	n.d.
Milho (Total)	-4,4	0,44
Milho (1ª Safra)	3,9	1,60
Milho (2ª Safra)	-7,3	0,13
Soja	8,7	7,15
Tomate	-3,3	n.d.
Trigo	-7,6	3,73
Uva	6,5	6,26

Fonte: LSPA e Conab.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: n.d. – não disponível.

TABELA 4
Previsão da produção pecuária em 2020
(Variação, em %)

Segmentos	Variação prevista na produção
Bovinos	3,5
Leite	2,9
Suínos	4,5
Aves	2,1
Ovos	5,4

Fonte: USDA e projeções do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para a produção de ovos.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

Previsão de crescimento do PIB Agropecuário por componente para os anos de 2019 e 2020

(Variação, em %)

	Fonte principal dos dados da lavoura	
	LSPA/IBGE	Conab
PIB agropecuário	3,4	4,1
Lavoura	3,9	5,0
Pecuária	3,5	
Outros	-4,1	

Fonte: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs.: Para os produtos em que não havia previsões do LSPA, utilizaram-se as estimativas da Conab e vice-versa.

2 Setor externo³

As tabelas 6 e 7 apresentam, respectivamente, os dados de exportação e importação de produtos do agronegócio utilizando as nomenclaturas de principais produtos de exportação (PPE) e de principais produtos de importação (PPI) para o período de janeiro a dezembro de 2018 e 2019. No total, o valor das exportações desses produtos caiu 5% no ano, mantendo a tendência mostrada nas *Cartas de Conjuntura* anteriores.

A soja, principal produto de exportação brasileira, sofreu uma redução de 21% das vendas externas devido a reduções tanto em volume quanto em preços em 2019. A PSA na China provocou o descarte de grande parte do rebanho suíno, reduzindo fortemente a demanda por rações naquele país e impactando de forma direta as exportações brasileiras, dado que a China é responsável por 75% da demanda por soja. As exportações de farelo de soja também caíram fortemente no período, com redução de 12% em valor, mantendo-se estável a quantidade e queda de 12% em preços.

Além da soja ser o principal produto agroindustrial exportado pelo Brasil, o país é o maior exportador mundial, com participação crescente no mercado internacional. Esse crescimento vem ocorrendo não só pelo aumento da produção, mas também pela guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, que tirou os americanos da liderança. Por ser a principal *commodity* dos PPEs, a redução das exportações do produto tem um impacto significativo também sobre o PIB do setor.

Um fator que pode influenciar fortemente o comércio exterior de produtos agropecuários, especialmente a soja, é o recente acordo Estados Unidos-China. Quase 90% da soja importada pela China é proveniente dos EUA (35%) e Brasil (55%). Pelo acordo entre os dois países, as exportações de soja para a China teriam de crescer, ainda em 2020, 192%, e, em 2021, 258% – sempre em relação aos dados de 2019. Essa meta é claramente inviável, pois representaria um volume maior do que toda a soja produzida nos Estados Unidos atualmente. Ainda assim, haverá uma pressão muito forte no sentido de ampliar fortemente as exportações de soja norte-americanas para a China, certamente deslocando os principais fornecedores.

3. Subseção elaborada por Marcelo Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

Claro que sendo a soja uma *commodity*, é sempre possível realocar a oferta brasileira para outros mercados que deixariam de ser atendidos pela soja dos Estados Unidos – com todas as dificuldades de redefinições logísticas e contratuais envolvidas.

As exportações de celulose de 2019, comparado a 2018, caíram 4% em valor no acumulado do ano, em razão de uma queda de 5% nos preços, uma vez que as quantidades aumentaram 1%.

As exportações de milho tiveram extraordinário desempenho em 2019, confirmando a tendência mostrada nas *Cartas de Conjuntura* anteriores. O valor das vendas aumentou 84% no período, resultado do crescimento de 86% nas quantidades e da queda de 1% nos preços. A produção doméstica contribuiu para o aumento das vendas externas, aumentando nos últimos meses em razão da expansão da produção da segunda safra – responsável atualmente por 74% do total, cujo crescimento em relação ao ano anterior foi de 37%.

O valor da produção de carne bovina cresceu 20% em 2019 em relação a 2018, fazendo com que esse produto tenha superado a exportação de aves. Houve aumento de 16% na quantidade exportada, e de 13% nos preços. Os bons resultados obtidos em 2019 estão relacionados diretamente com o aumento das vendas em mercados já consolidados, a exemplo de China, Emirados Árabes e Rússia.

As exportações de carne de frango cresceram 9% no acumulado do ano, em razão do aumento de 3% no volume da produção e da elevação de 5% nos preços. A queda na produção de proteínas animais em consequência da PSA foi uma das razões para o bom desempenho do produto.

A Arábia Saudita habilitou recentemente oito frigoríficos de carne bovina para a exportação. A China também habilitou mais treze plantas brasileiras, sendo cinco de carne suína, cinco de carne bovina e três de aves. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), para 2020 a expectativa é de aumento da oferta de proteína animal no mercado internacional.

A queda de US\$ 6,8 bilhões nas exportações brasileiras de soja em 2019 superou muito o aumento de US\$ 1,6 bilhão nas exportações de proteína animal. A redução nas exportações de soja foi tão expressiva que superou o valor das exportações de carne bovina (6,5 bilhões). O resultado negativo da soja contribuiu para a queda de 5% no valor dos PPEs brasileiros.

O café teve forte crescimento no acumulado do ano, com aumento de 5% em valor, o que resulta na elevação de 22% nas quantidades e queda de 14% nos preços. De acordo com o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), no total de 2019, o país exportou 36,5 milhões de sacas de café verde (32,6 milhões de sacas de arábica e 3,9 milhões de robusta). Vale destacar que a exportação do café robusta (ou conilon) apresentou crescimento de 59,5%, quando comparado ao ano anterior, enquanto a variedade arábica registrou aumento de 11% no período.

As exportações de café brasileiro cresceram em quase todas as regiões em 2019. Para a Europa aumentou 10,7% em relação a 2018. Para os Estados Unidos, o aumento foi de 29,8%; na Ásia, de 6,9%; América do Sul, 4,4%; África, 51,6%; e Oceania, 4,3%. Apenas as exportações para a América Central registraram queda de 27,7% em comparação a 2018 (Cecafé).

As exportações de açúcar em bruto caíram 17% em valor, com queda de 12% em quantidade e de 5% nos preços em 2019, comparando com 2018. Por sua vez, as exportações de algodão aumentaram 57% em valor, com elevação de 66% em quantidade e redução de 5% nos preços.

TABELA 6

Exportação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-outubro 2018-2019

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Soja mesmo triturada	33.055	26.077	-21%	83.258	74.073	-11%	-11%
Celulose	8.272	7.473	-10%	15.190	15.292	1%	-10%
Milho em grãos	3.918	7.212	84%	22.941	42.724	86%	-1%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	5.456	6.546	20%	1.354	1.570	16%	3%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig. Inclusive miudos	5.874	6.405	9%	3.823	3.951	3%	5%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	6.624	5.855	-12%	16.670	16.682	0%	-12%
Café cru em grão	4.357	4.571	5%	1.826	2.229	22%	-14%
Açúcar de cana, em bruto	5.390	4.483	-17%	18.174	15.980	-12%	-5%
Algodão em bruto	1.687	2.640	57%	974	1.614	66%	-5%
Fumo em folhas e desperdícios	1.894	2.047	8%	441	530	20%	-10%
Demais produtos	14.604	13.288	-9%	-	-	-	-
Total	91.132	86.599	-5%	-	-	-	-

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 7 apresenta os dados de importações dos principais produtos do agro-negócio com base na nomenclatura PPI no acumulado de 2019. No conjunto, esses produtos tiveram elevação de 1% no valor importado. As importações de trigo caíram 1% em valor, com redução de 4% nas quantidades e aumento de 3% nos preços em 2019, comparado com o ano anterior. Vale notar que a redução na quantidade importada ocorreu simultaneamente à queda na produção de 1,2%, de acordo com a Conab. De toda forma, deverá haver uma queda dos estoques no Brasil, a menor da série dos últimos oito anos.

As importações de malte, principal insumo da indústria cervejeira, cresceram 34% em valor, basicamente devido ao aumento de 36% nas quantidades importadas, e uma queda de 2% nos preços. As importações dos PPI – salmões, produtos hortícolas preparados e demais semimanufaturados – tiveram crescimento de 4%, 5% e 16%, respectivamente. Os outros produtos, apenas com a exceção do produto “preparações alimentícias, outras”, sofreram queda nos valores importados. Entretanto, nos casos de vinhos, azeite e borracha, as reduções foram em razão da queda dos preços.

TABELA 7

Importação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-julho 2018-2019

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Trigo em grãos	1.502	1.491	-1%	6.817	6.576	-4%	3%
Malte inteiro ou partido, não torrado	403	539	34%	798	1.086	36%	-2%
Salmões-do-pacífico, etc.frescos,refrig.exc.filés,etc.	505	526	4%	77	86	12%	-7%
Produtos hortícolas preparados/conserv.em ácido acético	466	491	5%	495	520	5%	0%
Demais produtos semimanufaturados	379	441	16%	367	471	28%	-9%
Vinho de uvas	376	372	-1%	119	120	1%	-2%
Azeite de oliva, virgem	382	355	-7%	69	78	14%	-18%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	343	332	-3%	225	225	0%	-3%
Preparações alimentícias, outras	263	282	7%	44	46	5%	3%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	272	260	-4%	92	102	11%	-14%
Demais produtos	3.988	3.909	-2%	-	-	-	-
Total	8.879	8.998	1%	-	-	-	-

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 8 mostra a evolução das importações dos principais insumos utilizados na agropecuária entre 2018 e 2019. No conjunto, as importações desses produtos cresceram 13% em 2019. A principal categoria dos produtos da pauta de importação são inseticidas, formicidas e herbicidas (também conhecidos como agroquímicos) – que correspondem a 50% do valor total despendido – com um expressivo crescimento de 18% no valor da produção em 2019 comparado a 2018. O valor das importações de adubos e fertilizantes cresceram 7%; e o de compostos organo-inorgânicos aumentou 27%, os quais correspondem a 20% e 10%, respectivamente, do valor total das importações. Como a produção agropecuária não está crescendo na mesma proporção, provavelmente deve estar havendo substituição de produtos domésticos por produtos importados, a despeito da desvalorização do real no período.

TABELA 8

Valor (em US\$) e Peso (em kg) importado de insumos agrícolas segundo PPI, janeiro a dezembro de 2018-2019

PPI	Valor			Variação	Peso		Variação
	2018	2019	Variação		2018	2019	
Inseticidas, formicidas, herbicidas e prods. semelhantes	2.606.159.576	3.071.150.072	18%	244.153.221	287.634.504	18%	
Adubos ou fertiliz. cont. nitrogênio, fósforo e potássio	1.176.216.384	1.260.976.125	7%	2.662.349.100	3.161.332.911	19%	
Compostos organo-inorgânicos	477.967.745	605.683.205	27%	90.538.209	125.433.519	39%	
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	343.181.045	331.874.732	-3%	193.789.868	190.430.666	-2%	
Preparações utilizadas na alimentação de animais	272.123.490	260.127.820	-4%	78.936.991	85.054.493	8%	
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	190.841.144	231.114.810	21%	27.345.669	44.344.225	62%	
Ácidos carboxílicos, seus anidridos, halogenetos, etc.	96.186.854	104.485.753	9%	28.561.653	29.528.906	3%	
Demais produtos manufaturados	107.409.442	93.431.254	-13%	397.039.543	273.870.599	-31%	
Compostos de funções nitrogenadas	48.917.555	55.330.697	13%	4.230.805	5.189.518	23%	
Produtos e preparações das ind. quím. ou conexas, outros	52.491.893	52.581.290	0%	15.111.957	18.289.051	21%	
Demais produtos básicos	49.086.914	50.183.503	2%	33.773.356	39.445.206	17%	
Demais produtos semimanufaturados	19.871.977	36.923.452	86%	85.747.524	155.810.081	82%	
TOTAL	5.440.454.019	6.153.862.713	13%	3.861.577.896	4.416.363.679	14%	

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

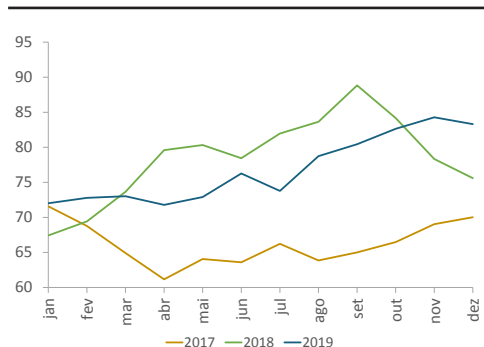
3 Mercados agropecuários⁴



A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço da soja teve alta de 7,4% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019. Já na comparação entre os valores médios de 2019 e de 2018, o preço teve queda de 2,1% (gráfico 3). No último trimestre de 2019, os preços foram impulsionados pela desvalorização do real ante o dólar e pelas altas nos preços internacionais. A partir de setembro, a queda na safra 2019/2020 nos Estados Unidos foi se confirmando, ao mesmo tempo que a falta de chuva preocupava os agricultores no Brasil, impulsionando os preços. As chuvas voltaram com maior intensidade no último bimestre do ano, favorecendo o desenvolvimento das lavouras. Com a colheita começando a ganhar ritmo em janeiro, a maior disponibilidade fez com que os preços caíssem ligeiramente.

GRÁFICO 3

Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço da soja
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Soja:

No Brasil, os agentes do mercado acompanham de perto os desdobramentos do acordo internacional entre Estados Unidos e China para avançar com as negociações da soja. Quanto à produção, as perspectivas mais recentes da Conab apontam para um aumento de 7,1% na safra 2019/2020, ante a safra anterior.

Em relação à produção doméstica da soja, a Conab apontou para uma queda de 3,6% na safra 2018/2019 em comparação com a safra anterior, via diminuição em 5,5% na produtividade devido à falta de chuvas em importantes regiões produtoras, diante do avanço de 2,1% na área plantada (Conab, 2019⁵). Quanto à safra 2019/2020, as perspectivas mais recentes da Conab apontam para uma safra 7,1% maior, resultado de crescimento de 2,6% da área e de 4,4% da produtividade. Para a Companhia, o aumento da área é respaldado pela alta liquidez do produto, pelo comportamento do câmbio e pela guerra comercial entre China e Estados Unidos (Conab, 2020⁶).

Para a região de Campinas/SP, a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho teve alta de expressivos 20,7% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019. Com isso, a comparação anual de preços se tornou positiva, com os

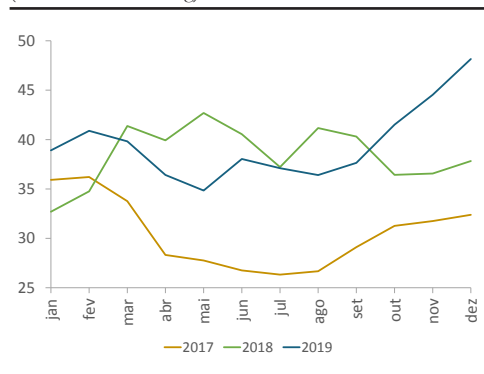
4. Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Ana Carolina de Paula Moraes e Felipe Miranda de Souza Almeida; André Sanches (grãos); Fernanda Geraldini Palmieri (hortifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos), todos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP).

5. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de grãos. Brasília: Conab, set. 2019. v. 6, p. 1-126. (Décimo segundo levantamento, safra 2018/2019).

6. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da safra brasileira de grãos. Brasília: Conab, fev. 2020. v. 7, p. 1-25. (Quinto levantamento, safra 2019/2020).

valores médios de 2019 apresentando alta de 2,8% em relação a 2018 (gráfico 4). No quarto trimestre, a forte alta foi reflexo da menor disponibilidade devido às exportações recordes ao longo de 2019. A elevada produção na safra 2018/2019 e os preços competitivos atraíram o interesse de compradores externos, e as exportações superaram 43 milhões de toneladas ao longo de 2019 – o maior volume exportado da história. Em janeiro, os preços seguiram em alta, ainda influenciados pela menor disponibilidade.

GRÁFICO 4
Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Milho:

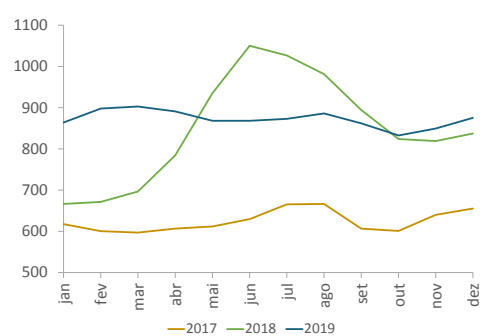
Com o maior ritmo da colheita da primeira safra de milho, é esperada a queda no preço a partir de fevereiro. Mas, as quedas serão limitadas pelos menores estoques de passagem (resultado do alto volume de exportação da safra anterior).

Quanto à produção de milho, a Conab estimou que a safra 2018/2019 teve aumento de 24% em relação à safra anterior, impulsionada pela segunda safra (36%), que teve maior produtividade e área plantada (Conab, 2019⁵). Para a safra 2019/2020, a Companhia aponta para uma produção de milho 0,4% maior, com queda de 2,3% na produtividade e aumento de 2,8% na área. Para a primeira safra, enquanto a área deve ser maior, influenciada pelos bons preços do cereal, a produtividade deve ser menor, em consequência dos problemas climáticos na região Sul. Em relação à segunda safra, a semeadura tem acontecido à medida que a colheita da soja avança. Ressalta-se que o atraso no plantio da soja no país aumentou a expectativa de risco da segunda safra, de modo que a área poderá diminuir (Conab, 2020⁶).

A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço do trigo no quarto trimestre de 2019 teve queda de 2,4% ante o trimestre anterior. Já na comparação entre 2019 e 2018, o preço teve alta de 2,8% (gráfico 5). O avanço da colheita e a necessidade de venda do produtor para pagamentos de dívidas de custeio pressionaram para baixo os preços em outubro. No entanto, nos dois últimos meses do ano, a pouca disponibilidade de grãos de alta qualidade, a desvalorização do real ante o dólar e as preocupações quanto à safra argentina levaram a altas no preço.

Segundo a Conab, na safra 2019 de trigo, as lavouras da região Sul enfrentaram problemas climáticos – geadas e estiagem – que impactaram a produtividade (-4,9%), levando à queda de 5% na produção (Conab, 2019⁵ e 2020⁶). Para a safra 2020, as atuais perspectivas são de aumento de 3,7% no volume produzido (Conab, 2019⁵ e 2020⁶).

GRÁFICO 5
Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço do trigo
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

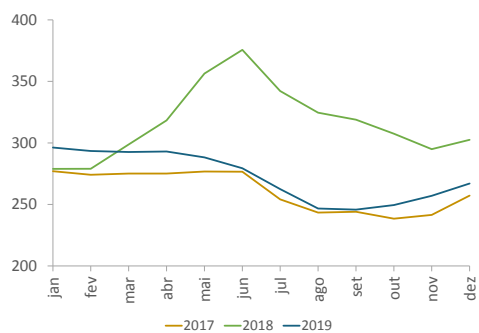


Perspectivas Trigo:

A perspectiva no curto prazo é que os preços do trigo fiquem estáveis, refletindo a menor disponibilidade interna do produto de alta qualidade e a desvalorização cambial.

No quarto trimestre de 2019, a média do Indicador Cepea/Esalq de preço do algodão teve alta de 2,5% em relação ao terceiro trimestre. Ainda assim, na comparação entre 2019 e 2018, o preço teve queda de 13,9% (gráfico 6). No último trimestre do ano, a alta refletiu a desvalorização do real: a paridade de exportação acima dos preços domésticos deu suporte aos valores no Brasil e estimulou novos negócios para o mercado externo. Quanto à queda do preço entre 2018 e 2019, decorreu do maior excedente do produto em virtude dos consecutivos aumentos de produção nas últimas três safras e do volume recorde colhido na safra 2018/2019.

GRÁFICO 6
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma
(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



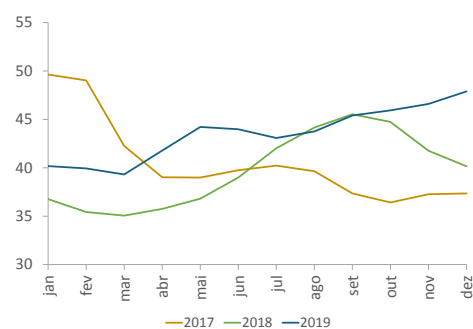
Perspectivas Algodão:

Os preços da pluma de algodão devem permanecer estáveis, sustentados pela baixa disponibilidade de pluma de alta qualidade no mercado internacional (a maior parte da produção já foi negociada). No campo, o trabalho de semeio está avançando e mantendo a perspectiva de oferta elevada na safra 2019/2020 em relação à safra 2018/2019.

Para a produção de algodão, segundo a Conab, houve crescimento de 35,9% entre as safras 2017/2018 e 2018/2019, reflexo da expansão em 37,8% na área plantada, com queda de 1,3% na produtividade (Conab, 20195). A Companhia espera novo aumento de área na safra 2019/2020, em 5,3%, mas uma produtividade 3,5% menor. Apesar disso, a produção pode aumentar 1,6% em relação à da safra passada, possivelmente chegando a um dos maiores volumes da série histórica (Conab, 20206).

Na média do quarto trimestre de 2019, o Indicador Esalq/Senar-RS de preço do arroz em casca teve aumento de 6,2% em relação ao trimestre anterior e, na comparação entre 2019 e 2018, houve alta de 9,4% (gráfico 7). A alta no quarto trimestre, que continuou em janeiro de 2020, foi reflexo da menor disponibilidade e do maior interesse comprador. O pouco volume remanescente em estoque e as incertezas quanto às condições climáticas na região Sul do país ajudaram a sustentar os preços no período.

GRÁFICO 7
Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca
(Em R\$/ saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.
Obs.: SENAR/RS – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio Grande do Sul.



Perspectivas Arroz:

A atenção seguirá voltada aos possíveis efeitos do clima sobre as lavouras. O semeio na região Sul já foi concluído e a perspectiva é que os trabalhos de colheita se iniciem em fevereiro e atinjam maior ritmo em março e abril.

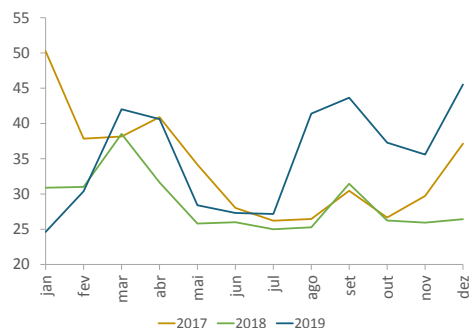
Quanto à produção de arroz na safra 2018/2019, a Conab estimou queda de 13,4% ante a safra 2017/2018, com produtividade quase estável (+0,6%) e queda na área plantada (13,9%) (Conab, 2019⁵). Para a safra 2019/2020, a Companhia aponta para a continuidade da tendência de queda da área destinada à cultura (1,1%). Mas, com o aumento esperado da produtividade (1,7%), a produção em 2019/2020 pode ser ligeiramente maior (0,6%) (Conab, 2020⁶).

No que diz respeito aos hortifrutícolas, o preço médio de comercialização da banana nanica teve aumento de 5,5% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, com aumento de 23,2% na comparação entre 2019 e 2018 (gráfico 8). A alta dos preços no último trimestre do ano ocorreu porque o volume de banana nanica estava baixo no período específico. A qualidade média das frutas, ainda, melhorou, visto que havia pouca oferta de bananas “de inverno” (de menor qualidade) diante de bananas de verão (de melhor coloração e calibre) – também favorecendo os preços. Quanto ao alto patamar de preços médios de 2019, refletiu o leve recuo na área com cultivo de banana utilizando média ou alta tecnologia (resultado da baixa rentabilidade da banana prata em 2018, que restringiu investimentos) e as fortes chuvas, ventanias e granizo que atingiram o Vale do Ribeira (São Paulo) no fim de 2018 e em maio de 2019.

Apesar da queda na produção de banana nanica, o IBGE/LSPA estima que a produção total de banana no país em 2019 deve ter aumento de 6%, ante a 2018, decorrente do aumento de 6,9% na produtividade.

GRÁFICO 8

Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado (Em R\$/ caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



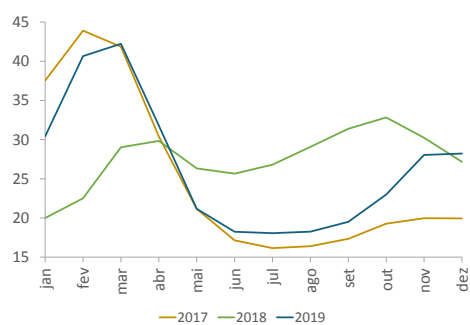
Perspectivas Banana:

A expectativa é de queda de preços para a banana nanica no primeiro trimestre, visto que a safra da variedade começou nas regiões produtoras (Vale do Ribeira e norte de Santa Catarina) e deverá haver mais oferta em âmbito nacional. O pico de colheita está previsto para março.

Os preços da laranja pera no mercado in natura subiram expressivos 41,9% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, conforme era esperado. A alta ocorreu em consequência da redução no volume disponível da laranja pera nesse período e do aumento do consumo da fruta, que tipicamente ocorre na primavera e no verão. Entretanto, na comparação entre 2019 e 2018, ainda houve queda de 3,4%, o que refletiu a maior safra em 2019/2020 (gráfico 9). Apesar da queda da laranja pera, a produção total de laranja, segundo o LSPA/IBGE, foi 5,6% maior em 2019, frente a 2018, resultado da maior produtividade (5,2%) e da estabilidade da área colhida (+0,4%).

GRÁFICO 9

Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado (Em R\$/ caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Laranja:

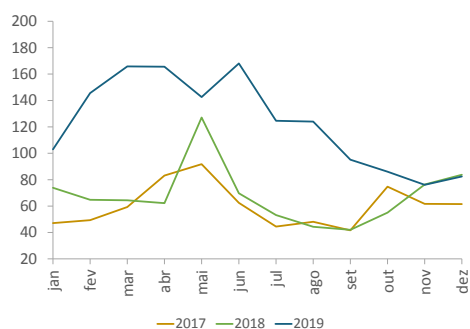
O preço da laranja deve continuar alto no mercado de mesa paulista. Apesar de haver colheita de variedades tardias (como natal e valência) pelo menos até fevereiro, a oferta dessas não deve ser alta, principalmente as de qualidade. Além disso, a safra de laranjas precoces (como hamlin, westin e rubi), que normalmente se inicia timidamente em março, pode atrasar em virtude de perdas nas floradas registradas em 2019.

O preço médio de comercialização da batata ágata especial teve queda de 28,8% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, mas, na comparação entre 2019 e 2018, houve alta de 81,8% (gráfico 10). A queda no último trimestre refletiu uma concentração de oferta da safra de inverno entre os meses de outubro e novembro e a perda de qualidade da batata ofertada. Nesse período do ano, os preços costumam ser mais baixos – com os custos de produção usualmente menores, o

produtor consegue se capitalizar mesmo com menores preços. Em dezembro, os preços já voltaram a ter alta devido à finalização da safra de inverno. A forte alta dos preços na comparação anual, por sua vez, reflete a redução de área de plantio após dois anos anteriores de preços abaixo dos custos de produção. Segundo o LSPA/IBGE, a produção total de batata em 2019 foi 0,18% maior que a obtida em 2018, com queda principalmente na terceira safra.

GRÁFICO 10

Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado
(Em R\$/ sacco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Batata:

os preços no primeiro trimestre de 2020 devem ter alta – situação que já foi observada em janeiro. Nesse período, ocorre a colheita da safra das águas (de novembro a abril). Além de a área plantada para essa safra não estar elevada, a produtividade usualmente é mais baixa (devido às temperaturas mais altas e as chuvas).

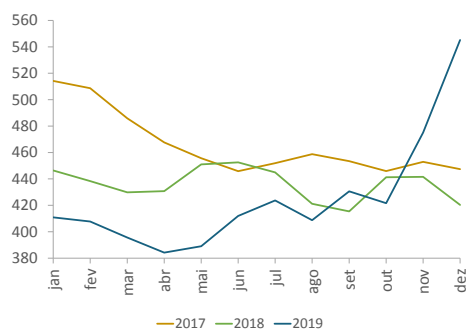
O Indicador Cepea/Esalq do café arábica teve forte alta de 14,2% no quarto trimestre de 2019, frente ao trimestre imediatamente anterior, com o valor da saca voltando a patamares reais não atingidos desde 2017 (gráfico 11). A alta dos preços refletiu a baixa oferta de cafés finos da safra 2019/2020, devido ao clima seco no desenvolvimento dos grãos e posterior excesso de chuvas em junho e julho (durante a colheita). Além disso, houve preocupações iniciais quanto ao desenvolvimento da safra 2020/2021 – com altas temperaturas e baixo nível pluviométrico até outubro. Ainda que o retorno das chuvas em novembro tenha permitido uma boa recuperação das lavouras de café arábica, as incertezas quanto à oferta no curto prazo impulsionaram os preços do produto no mercado internacional. Isso porque, além do Brasil, houve menor volume de cafés bons a finos em origens como Colômbia e América Central, cenário que levou à queda dos estoques da Bolsa de Nova York (ICE Futures) no final do ano de 2019. Mesmo com a alta no segundo semestre, na comparação entre 2019 e 2018, o preço teve queda de 2,5%. Isso porque, até o mês de outubro, os valores estavam enfraquecidos devido às perspectivas iniciais de oferta ainda confortáveis na safra de 2019/2020.

Quanto à produção de café em 2019, o volume produzido e a produtividade média foram inferiores aos observadas na safra 2018, influenciados pelo ciclo de bialidade negativa e por condições climáticas adversas, o que contribuiu para queda de produção de 20%.⁷ Ainda segundo estimativas da Conab, a produção de café na safra 2020 deve apresentar alta entre 15,9% e 25,8% frente a 2019, com ganho de 1,4% em área e entre 11,4% e 20,9% em produtividade. O maior volume é reflexo da influência da bialidade positiva para o café arábica sobre quase todas as regiões produtoras, além das melhores condições climáticas.

7. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. *Acomp. safra brasileira de café: safra 2019 – terceiro levantamento*, v. 5, n. 3, p. 1-48, setembro 2019.

GRÁFICO 11

Indicador Cepea/ESALQ do café arábica
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Café:

Espera-se redução do preço do café no primeiro trimestre de 2020, devido às expectativas de boa produção na safra 2020/2021. As chuvas volumosas desde dezembro de 2019 vêm auxiliando o enchimento do grão, cenário que pode favorecer a qualidade e o volume da produção.

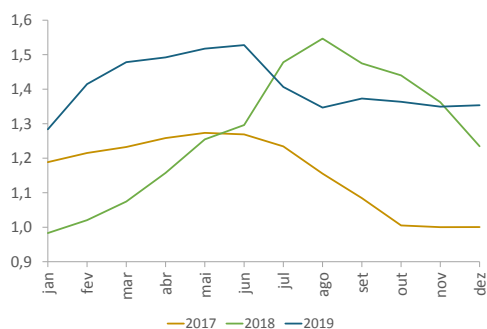


A média do preço do leite ao produtor no Brasil teve queda de 1,4% entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, enquanto na comparação entre 2019 e 2018, manteve alta de 10,3% (gráfico 12). A apenas modesta queda dos preços na comparação com o terceiro trimestre representou uma fuga do padrão sazonal. Isso porque, sazonalmente, ocorre o aumento da captação e quedas substanciais de preços no último trimestre do ano. A sustentação dos preços nesse período refletiu uma conjunção de elementos. Do lado da produção, alguns fatores contribuíram para limitar o crescimento da oferta: i) o atraso no retorno das chuvas no Sudeste; ii) a saída de produtores da atividade nos últimos anos e a grande insegurança em realizar investimentos de longo prazo frente às incertezas no curto prazo; iii) a elevação contínua dos custos de produção no quarto trimestre, com a valorização do milho e da soja e a alta nos preços da gasolina e do diesel; e iv) o abate precoce de vacas leiteiras em virtude dos elevados preços no mercado do gado de corte. Do lado da demanda, o estoque enxuto de derivados das indústrias manteve acirrada a competição entre laticínios para a compra da matéria-prima, principalmente depois da segunda quinzena de novembro.

Dados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL) do IBGE, disponíveis até o terceiro trimestre de 2019, mostram que, na comparação entre janeiro a setembro de 2019 e de 2018, a captação de leite cru no Brasil teve alta de 3%. Ressalta-se, no entanto, que os dados da PTL retratam apenas o mercado formal de leite, não sendo possível inferir diretamente sobre os movimentos da produção no campo.

GRÁFICO 12

Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

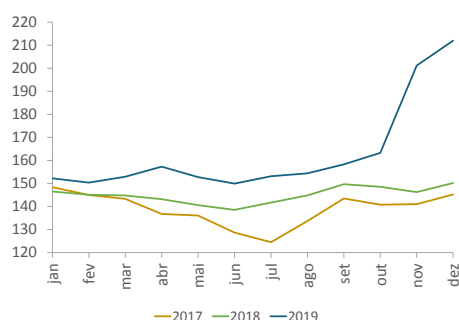


Perspectivas Leite:

Com o início do período seco no Sul do país, a produção regional tende a reduzir até março. Em outros anos, a produção do Sudeste seria suficiente para suprir a demanda. Todavia, a oferta foi limitada em novembro e dezembro, que deveriam ser meses de pico de safra. Assim, o preço do leite no campo deve seguir estável no primeiro trimestre de 2020. Por um lado, o encarecimento dos grãos deve continuar prejudicando a produção. Por outro, o previsto maior crescimento do PIB deve favorecer a demanda de lácteos e, então, as margens da indústria, permitindo preços maiores ao produtor, mas alinhados ao padrão sazonal, reduzindo a incerteza.

O Indicador ESALQ/B3 do preço do boi gordo teve alta de expressivos 23,7% no quarto trimestre de 2019, frente ao trimestre imediatamente anterior. Assim, na comparação entre 2019 e 2018 houve alta de 12,5% (gráfico 13). No quarto trimestre, o aumento sazonal da demanda doméstica, visando o abastecimento de varejistas para o final de ano, somou-se ao cenário de oferta relativamente limitada de animais para abate e ao ritmo intenso das vendas externas, elevando as cotações para patamares recordes históricos.

GRÁFICO 13
Indicador Esalq/B3 do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



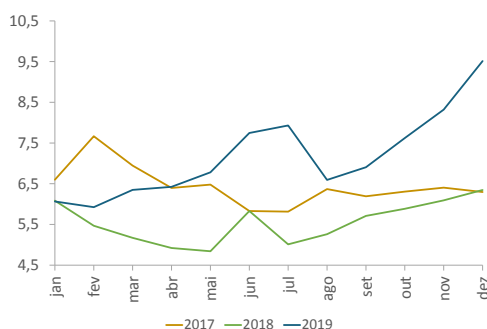
Perspectivas Boi:

Espera-se que a oferta de animais à indústria siga restrita, dado o aumento dos abates de fêmeas e também o menor investimento de pecuaristas para reposição de matrizes nos anos anteriores. No final de 2019, novas plantas frigoríficas foram habilitadas para exportar a carne à China, mantendo o volume de carne bovina exportada acima das 100 mil toneladas por mês, conforme dados da Secex. Caso os volumes exportados se mantenham, será essencial garantir aumento de produtividade. Para o pecuarista, a gestão da atividade na fazenda tornar-se-á ainda mais relevante, tendo em vista a perspectiva de aumento nos custos de produção, puxada pelas estimativas de crescimento de preços de animais de reposição e do milho utilizado para a ração. puxada pelas estimativas de crescimento de preços de animais de reposição e do milho utilizado para a ração.

Quanto à produção, dados da Pesquisa Trimestral do Abate (PTA) do IBGE, primeiros resultados, mostram que, na comparação entre 2019 e 2018, o peso total das carcaças bovinas abatidas aumentou 3,1%. Entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, o peso abatido teve queda de 3,6%.

No quarto trimestre, o preço da carcaça especial suína no atacado da capital paulista teve aumento de 18,8% em relação ao trimestre anterior, com o preço médio de 2019 ficando 29,4% maior que o de 2018 (gráfico 14). O fim de 2019 foi marcado pelo aquecimento da demanda doméstica e pelo forte incremento da demanda chinesa pelas proteínas brasileiras e, com isso, os preços tanto do animal vivo quanto da carne atingiram o maior patamar nominal de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 2004.

GRÁFICO 14
Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado
(Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



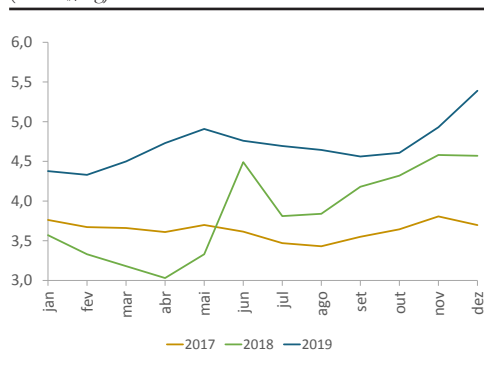
Perspectivas para a carne suína

Apesar de os preços do suíno vivo e da carne terem iniciado 2020 em queda, devido ao típico período de enfraquecimento da demanda, especialmente a doméstica, espera-se que nos próximos meses as vendas da carne suína voltem a se aquecer, o que tende a elevar ou ao menos sustentar os preços. O fundamento vem da redução na produção global de suínos, ocasionada pelos casos de peste suína africana (PSA) na Ásia, contexto que deve continuar favorecendo as vendas brasileiras de carnes no mercado internacional.

Quanto à produção de carne suína, dados da Pesquisa Trimestral do Abate (PTA) do IBGE, primeiros resultados, mostram que o peso total das carcaças suínas abatidas aumentou 4,3% na comparação entre 2019 e 2018. O peso abatido aumentou 0,6% entre o terceiro e o quarto trimestre.

O preço médio do frango resfriado, no atacado da Grande São Paulo, teve alta de 7,4% frente ao trimestre anterior, e, comparando-se 2019 e 2018, houve aumento de 22,1% (gráfico 15). As intensas altas nos preços das carnes suína e bovina fizeram com que a carne de frango se tornasse a mais competitiva no mercado brasileiro, o que resultou no aumento da demanda doméstica e, conseqüentemente, na elevação de preços. As exportações também se intensificaram no final do ano, corroborando para a elevação de preços. Em janeiro, os preços recuaram em função do típico enfraquecimento da demanda doméstica em começos de ano – tanto decorrente das despesas extras de janeiro quanto devido às férias escolares. Além disso, o mercado tentou buscar um equilíbrio após as fortes altas registradas no final de 2019.

GRÁFICO 15
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a carne de Frango

A expectativa é de que os preços domésticos da carne de frango sigam atrelados aos valores das proteínas bovina e suína. As altas nos preços das carnes levam o consumidor a optar por proteínas com valores mais baixos, como é o caso do frango.

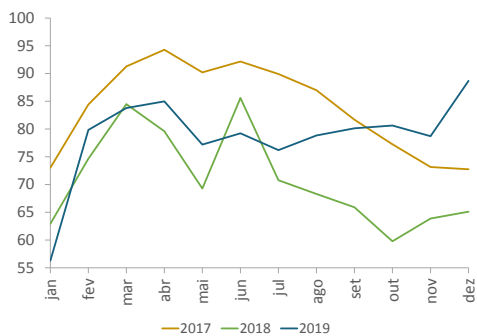
Quanto aos abates de aves, segundo dados do PTA/IBGE, primeiros resultados, houve leve aumento de 0,2% no peso total das carcaças abatidas na comparação entre 2019 e 2018. Entre o terceiro e o quarto trimestre de 2019, houve queda de 2,6% no volume abatido.

Na comparação entre o quarto e o terceiro trimestre de 2019, o indicador Cepea/Esalq do preço do ovo teve alta de 5,5%. Já na comparação entre 2019 e 2018, houve aumento de 11,1% (gráfico 16). No último trimestre, o preço dos ovos atingiu a maior média trimestral do ano, movimento atípico para o período. As altas foram ocasionadas principalmente pela valorização das carnes bovina, suína e de frango. Já em janeiro, o preço teve queda, reflexo da menor demanda no período devido às férias escolares e à necessidade dos vendedores de reduzir os estoques – o produto é bastante perecível e as vendas estiveram limitadas por causa dos recessos de final de ano.

Quanto à produção de ovos, dados da Produção de Ovos de Galinha (POG) do IBGE, primeiros resultados, apontam para um aumento de 5,5% na comparação entre 2019 e 2018.

GRÁFICO 16

Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco (Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

Para fevereiro e março de 2020, a expectativa é de que os preços tenham alta, impulsionados pelo aumento da demanda devido ao período de Quaresma e pela menor oferta do produto, resultado do aumento de descartes de poedeiras em janeiro.

Em resumo, o último trimestre de 2019 foi marcado por altas de preços para quase todos os mercados agrícolas e pecuários acompanhados. No caso das carnes, esse resultado refletiu sobretudo a continuidade do bom desempenho das exportações, impulsionadas pela ocorrência da PSA, assim como a melhora na demanda doméstica que é típica dos finais de ano. No caso da carne de frango e dos ovos, com os altos preços das carnes de modo geral, o consumo doméstico foi estimulado por se tratarem de proteínas com preços mais competitivos. No caso dos produtos agrícolas, uma conjunção de fatores impulsionou os preços no último trimestre do ano, como a desvalorização do real frente ao dólar e o bom desempenho das exportações, no caso dos grãos e do algodão, e a menor disponibilidade de produtos como milho, arroz, banana, laranja e café (no caso dos cafés finos).

Na comparação anual, 2019 versus 2018, os preços aumentaram para todos os produtos pecuários acompanhados. Já no caso dos produtos agrícolas, os cenários foram mais diversos. Para a soja, o algodão, a laranja e o café, os menores preços na média de 2019 refletiram principalmente as ofertas confortáveis dos produtos. No caso do milho, os preços foram maiores em 2019, mesmo com a produção nacional recorde, impulsionados pelas fortes demandas doméstica e externa. No caso da banana e da batata, os preços também foram maiores em 2019; no primeiro caso, devido sobretudo a problemas climáticos ao longo do ano e, no segundo, devido à redução de área de plantio após dois anos anteriores de preços abaixo dos custos de produção.

4 Crédito rural ⁸

O ano de 2019 foi marcado por uma importante recuperação do crédito rural, seja em seu montante, seja nas condições das novas contratações, em particular,

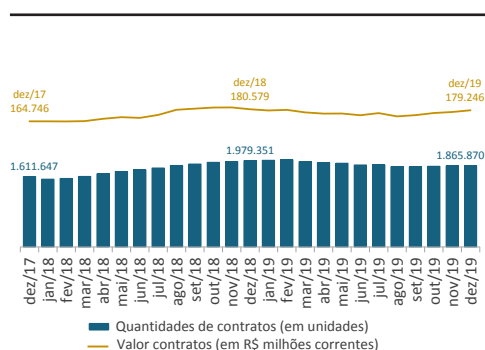
8. Subseção elaborada por Fabio Ribeiro Servo, da Dimac/Ipea.

na segunda metade do ano. Até setembro, problemas associados às operações das pessoas jurídicas impediram um melhor resultado no consolidado do ano. Ainda que no agregado do crédito rural o volume e o número de contratos tenham recuado em 2019 frente a 2018 (-0,7% e -5,7%, repectivamente), houve crescimento do montante do crédito à atividade pecuária (+3,2%), ao custeio (+2,0%) e ao investimento (+2,4%), bem como aos tomadores pessoa física de todos os portes: Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) (+6,5%), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) (+26,1%) e PF empresarial (+2,1%). Ademais, as fontes de recursos não controlados, que não contam com subsídios públicos explícitos ou implícitos, cresceram +30,2% na mesma base de comparação. Associado a isso, as taxas médias de juros registraram trajetória de queda ao longo do ano e o prazo médio das operações foram ampliados. Mesmo a inadimplência média da carteira, que sofreu com problemas pontuais no campo empresarial, parece ter estabilizado e tende a melhorar ao longo de 2020. Isso reflete o sucesso da atual política agropecuária nesse campo, materializada nos principais objetivos do Plano Safra 2019-2020, bem como da recuperação da atividade econômica de maneira geral.

4.1 Contratações de crédito ⁹

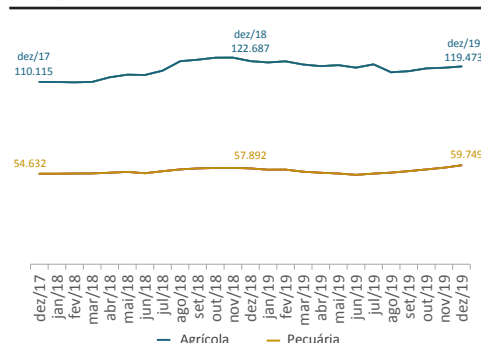
O volume de crédito rural contratado em 2019 totalizou R\$ 179,2 bilhões, valor este -0,7% menor que o registrado em 2018. O número de contratos no ano foi de 1,87 milhões, montante -5,7% inferior ao do ano anterior. O valor médio do contrato de crédito rural em 2019 ficou em R\$ 96.065,56, +5,3% maior que o observado em 2018. Ainda que o resultado para o ano tenha encerrado abaixo do ano anterior, identifica-se trajetória positiva de recuperação desde setembro. Pelo quarto mês consecutivo, o volume do crédito rural contratado no acumulado em doze meses registra taxa de variação positiva ante o mês anterior. Em dezembro, observou-se avanço de +1,3% no valor do crédito contratado em doze meses ante novembro e elevação de +0,3% do número de contratos na mesma base de comparação.

GRÁFICO 17
Crédito rural contratado
(Acumulado em doze meses)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 18
Crédito rural contratado por atividade
(Valor real acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

9. Dados do Banco Central do Brasil (BCB), extraídos da Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR).

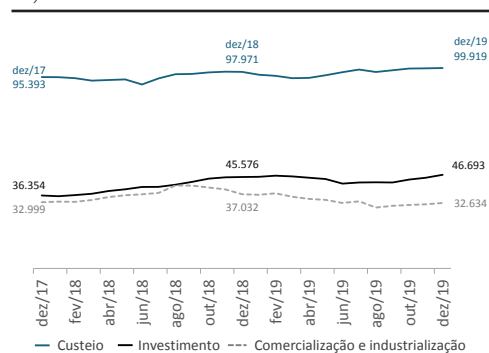
No que tange ao tipo de atividade, percebe-se que o crédito voltado para a atividade agrícola, que respondeu em 2019 por 66,7% do total do crédito rural contratado, condicionou o desempenho do crédito de maneira geral. Em 2019, o crédito para essa atividade totalizou R\$ 119,5 bilhões, valor -2,6% abaixo que 2018. Da mesma forma, sua recuperação a partir de setembro consolidou a trajetória positiva do crédito rural, com avanço de +0,7% em dezembro ante novembro no acumulado de doze meses. Já a atividade pecuária encerrou 2019 totalizando R\$ R\$ 59,7 bilhões de crédito contratado, alta de +3,2% ante 2018 e, na margem, com +2,5% em dezembro ante novembro no acumulado em doze meses.

Quando se toma a finalidade, constata-se um bom desempenho do crédito para custeio, que encerrou 2019 com alta de +2,0% ante 2018, alcançando R\$ 99,9 bilhões ou 55,7% do total do crédito rural contratado no ano. Na margem, crédito para custeio registra o quarto mês de variação positiva, com +0,2% em dezembro ante novembro no acumulado em doze meses. O crédito para investimento também encerra 2019 com desempenho positivo, avançando +2,4% em relação a 2018 e totalizando R\$ 46,7 bilhões ou 26,0% do crédito. Em dezembro ante novembro, no acumulado em doze meses, o resultado foi ainda mais expressivo, com +3,2% de crescimento, confirmando a excelente sequência de resultados observada do crédito para investimento nos últimos três meses do ano. A nota dissonante é o crédito para comercialização e industrialização, que em 2019 registrou queda de -11,9% frente a 2018, com contratações da ordem de R\$ 32,6 bilhões no ano ou 18,2% do total. Ainda assim, essa finalidade do crédito também vem apresentando boa recuperação desde setembro, encerrando o ano com avanço na margem de +2,0% em dezembro ante novembro no acumulado de doze meses.

GRÁFICO 19

Crédito Rural Contratado por Finalidade

(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)

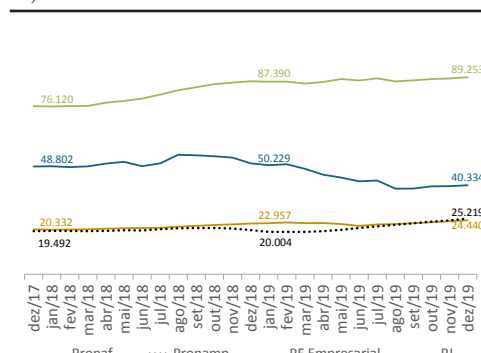


Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 20

Crédito Rural Contratado por Tomador

(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

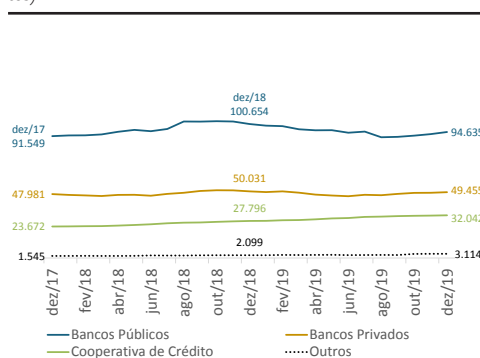
Outra tendência que se confirmou ao final de 2019 foi a recuperação, na segunda metade do ano, dos bancos públicos como concedentes de crédito rural. A partir de setembro começaram a registrar crescimento na margem, terminando o

ano com +1,7% em dezembro ante novembro no acumulado em doze meses. Mesmo assim, no consolidado do ano, contrataram R\$ 94,6 bilhões de crédito, ou 52,8% do total, cerca de -6,0% abaixo do contratado no ano anterior. Desempenho negativo no ano, ainda que também em recuperação nos últimos meses, apresentaram os bancos privados, com recuo de -1,2% em 2019 ante 2018, totalizando R\$ 49,4 bilhões, ou 27,6% do total, chegando em dezembro com alta de +1,0% frente a novembro no acumulado em doze meses. Entretanto, as cooperativas de crédito mantiveram a trajetória ascendente observada nos anos anteriores e avançaram +15,3% no ano em relação ao ano anterior, já respondendo por 17,9% do valor total do crédito contratado (em 2013, essa porcentagem era de 9,7%), ou cerca de R\$ 32,0 bilhões. Na margem, apresentaram um crescimento menos acelerado que os demais, com +0,5% em dezembro ante novembro no acumulado em doze meses, mas registraram o 32o mês consecutivo de variação positiva.

GRÁFICO 21

Crédito Rural Contratado por Concedente

(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, uma importante mudança observada no crédito rural desde a última Carta de Conjuntura diz respeito às fontes de recursos. Na última edição da Carta, quando analisamos os dados até setembro, identificou-se trajetória de alta da poupança rural direcionada e das Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), e de baixa dos recursos obrigatórios oriundos de depósitos à vista como fontes. Isso se deve, em parte, ao fato de registrar-se, no atual Plano Safra, excesso no cumprimento da exigibilidade da poupança rural e das LCAs, bem como falta na exigibilidade sobre os depósitos à vista por parte das instituições financeiras.¹⁰ Todavia, essa mudança ocorre na margem, pois, no consolidado do ano, a principal fonte de recursos foi a poupança rural direcionada, com R\$ 46,4 bilhões, ou 25,9% do total, com crescimento de +6,4% em 2019 ante 2018.

As LCAs também tiveram excelente desempenho, encerrando o ano com R\$ 32,5 bilhões de recursos, ou 18,2% do total, alta de +19,7% em relação ao ano anterior. Já os recursos oriundos das exigibilidades sobre depósitos à vista encerraram o ano financiando R\$ 40,1 bilhões do crédito rural contratado, ou 22,4% do total, mas -27,9% abaixo do valor registrado no ano anterior. De maneira geral, mantém-se a tendência que vem sendo observada nos últimos anos de redução das fontes de recursos controlados¹¹ e de elevação dos recursos não controlados:¹² na comparação com 2018, o volume de recursos em 2019 do primeiro grupo de fontes recuou -10,4%, ao passo que o do segundo avançou +30,2%.

10. Ver *Boletim Derop Crédito Rural e Proagro* (novembro 2019) do Departamento de Regulação, Supervisão e Controle das Operações do Crédito Rural e do Proagro (Derop) do BCB.

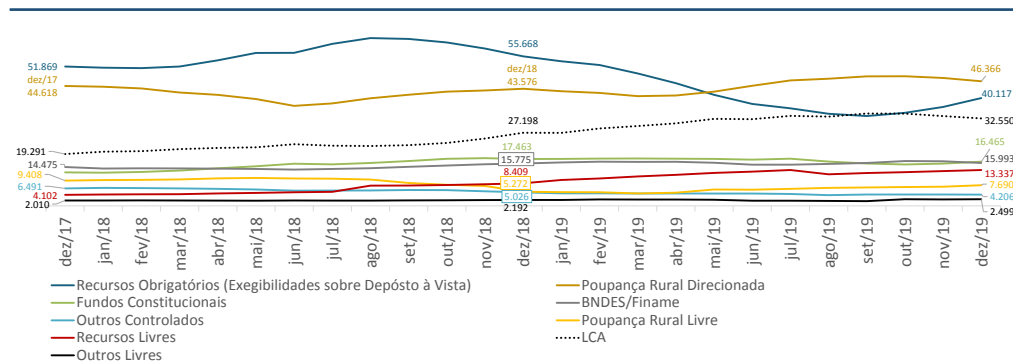
11. Recursos Obrigatórios (exigibilidades sobre Depósito à Vista), Poupança Rural Direcionada, Fundos Constitucionais, Financiamento de Máquinas e Equipamentos (Finame) do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), entre outros.

12. Poupança Rural Livre, Recursos Livres, LCA, entre outros.

GRÁFICO 22

Crédito Rural Contratado por Fonte

(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 26 de janeiro de 2020.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

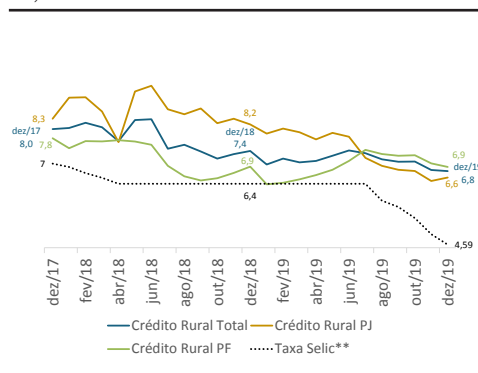
4.2 Condições do crédito¹³

Em dezembro em 2019, observou-se a continuidade da trajetória de redução das taxas médias de juros do crédito rural, ainda que com redução do seu gradiente na margem. Em relação às taxas médias prevalentes ao final de 2018, registra-se uma redução de -0,60 pontos percentuais (p.p.) dos juros do crédito rural total (6,78% a.a. em dez./2019), -1,58 p.p. do tomado pela pessoa jurídica (6,59% a.a. em dez./2019) e -0,01 p.p. pelo da pessoa física (6,90% a.a. em dez./2019). Vale destacar que, como esperado, os maiores cortes de juros do crédito rural ocorreram nas operações a taxas de mercado, com -2,67 p.p. para a pessoa jurídica (7,12% a.a. em dez./2019) e -1,83 p.p. para a pessoa física (8,70% a.a. em dez./2019), em linha com a redução de 1,81 p.p. da taxa básica Selic efetiva no período (4,59% a.a. em dez./2019).

GRÁFICO 23

Juros Médios do Crédito Rural

(Taxas de juros médias ponderadas* anualizadas, em % a.a.)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: *Ponderada pelo volume de novas concessões.

** Taxa Selic acumulada no mês anualizada base 252 (% a.a.)

No que tange ao nível da inadimplência da carteira do crédito rural, não houve mudanças significativas no observado na última *Carta de Conjuntura*. A reestruturação de algumas operações de maior vulto do crédito à pessoa jurídica no segmento rural a taxas de mercado, decorrente de recuperação judicial, continua a impactar o nível de inadimplência desse segmento no fim do ano (5,0% em dez./2019), substancialmente maior (+4,32 p.p.) que o do ano anterior. A inadimplência do crédito

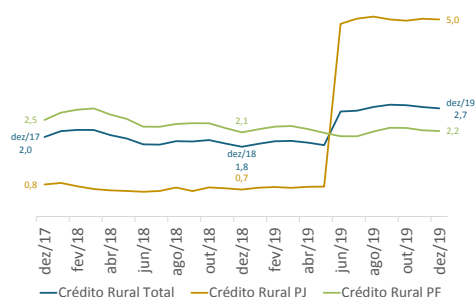
13. Dados do BCB, extraídos do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS) com base no Sistema de Informações de Crédito (SCR).

rural à pessoa física em 2019 (2,2% em dez./2019) manteve nível similar (+0,03 p.p.) ao de 2018. Como resultado, o crédito total (2,7% em dez./2019) registrou elevação da inadimplência (+0,98 p.p.) na comparação entre o final dos anos. Espera-se que em 2020, com a recuperação das operações às pessoas jurídicas e renegociação do crédito em atraso, a inadimplência da pessoa jurídica e do crédito rural total retornem a seus níveis históricos, mais compatíveis com a melhor qualidade das garantias corporativas envolvidas nessas operações.

GRÁFICO 24

Inadimplência do Crédito Rural

(Crédito em atraso de mais de 90 dias, em % da carteira ponderada*)

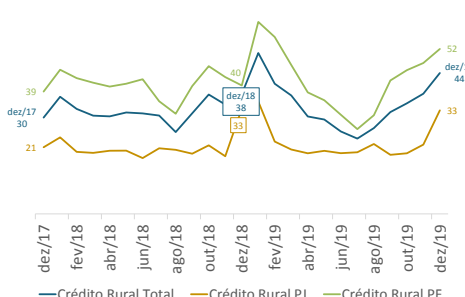


Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs: *Ponderada pelo volume dos saldos das carteiras.

GRÁFICO 25

Prazo Médio do Crédito Rural

(Prazo médio ponderado das concessões*, em meses)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs: *Ponderado pelo volume de novas concessões

Finalmente, o prazo médio das novas operações de crédito rural mostrou forte melhora desde setembro. De maneira geral, todos os segmentos do crédito rural à pessoa jurídica e à pessoa física registraram alongamento de prazos, mesmo o segmento a taxas de mercado mais sensível às condições da economia e do mercado. No caso da pessoa jurídica, o prazo médio aumentou alcançou 33 meses em dez./2019, puxado pelas operações do BNDES com prazo médio de 123 meses. O mesmo ocorreu com as operações à pessoa física, com 52 meses em dez./2019, sendo 116 meses para o crédito do BNDES. Vale ressaltar que o pico observado na virada 2018-2019 deveu-se mais ao impacto de medidas legais de renegociação da dívida rural, elemento este ausente neste final de ano, que está mais associado com a melhoria das condições gerais do crédito rural nos últimos meses.

5 Insumos¹⁴

5.1. Fertilizantes

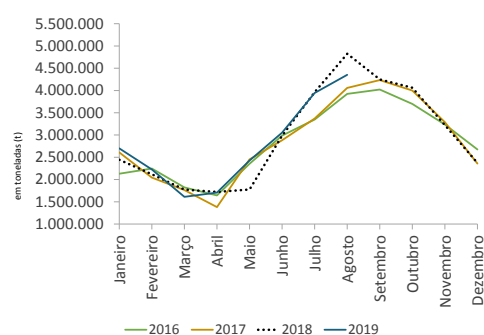
De acordo com a Associação Nacional para a Difusão de Adubos (ANDA), no mês de agosto de 2019 foram entregues 4.353 mil toneladas de fertilizantes, registrando uma redução de 9,8% em relação ao mesmo mês de 2018, quando foram entregues 4.825 mil toneladas. No acumulado do período de janeiro a agosto de

14. Seção elaborada por Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira, da Universidade del Valle (Univalle), e Jefferson Andronio Raimundo Staduto, da Universidade Federal do Oeste do Paraná (Unioeste).

2019, foram entregues 22.020 mil toneladas de fertilizantes, representando crescimento de 1,9% (gráfico 26) em relação ao mesmo período de 2018, quando foram entregues 21.607 mil toneladas.

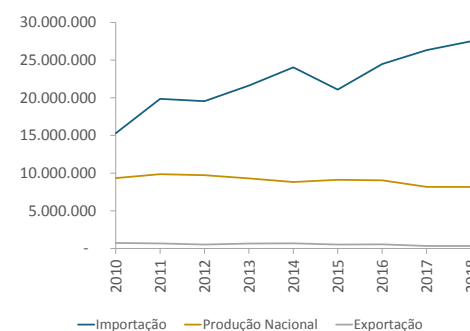
O estado do Mato Grosso concentrou o maior volume no período analisado (21,5%), com 4.730 mil toneladas, seguido do estado do Paraná (13,8%), com 3.028 mil toneladas; Rio Grande do Sul (11,6%); com 2.547 mil toneladas; São Paulo (10,9%), com 2.393 mil toneladas; Goiás (9,6%), com 2.120 mil toneladas; e Minas Gerais (9,5%), com 2.095 mil toneladas, refletindo a intensidade da produção agrícola dos estados.

GRÁFICO 26
Brasil: consumo efetivo de fertilizantes
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2019.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

GRÁFICO 27
Brasil: importação e produção de fertilizantes intermediários e principais exportações de fertilizantes e formulação de NPK
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2020.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Como foi apresentado anteriormente, para a safra 2019/2020, a área plantada de grãos no Brasil está estimada em 64.176,4 mil hectares. A perspectiva é de aumento de 1,5% em relação à temporada passada, que equivale a um acréscimo de 967,2 mil hectares, influenciado principalmente pelo incremento na área de soja.

As importações de fertilizantes intermediários são crescentes ao longo das últimas três décadas, refletindo a expansão da agricultura nacional por meio de incorporação de área e do aumento da produtividade, os quais não foram acompanhados pela produção nacional de fertilizantes. As importações sempre complementaram a demanda doméstica, no entanto, a produção nacional não cresceu expressivamente de volume, ficando praticamente estagnada: de 2000 a 2009, a produção média anual foi de 8,711 milhões de toneladas de fertilizantes intermediários; e no período seguinte, de 2010 a 2018, a média anual cresceu levemente para 9,061 milhões de toneladas. Todavia, as importações estão sempre crescentes, aumentando rapidamente a partir de 2010 (gráfico 27). Em 2010, a produção de nacional de fertilizantes intermediários em relação às importações representava 61% e reduziu rapidamente para 30% no ano de 2018.

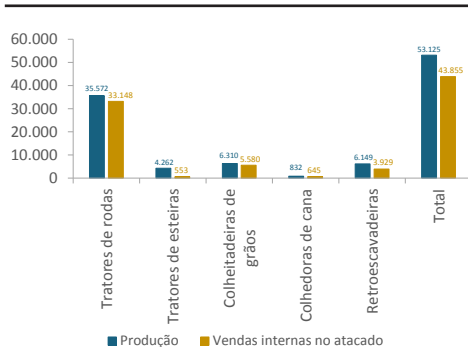
Comparado a evolução entre janeiro e agosto de 2019 em relação ao mesmo período do ano anterior, a produção de nacional de fertilizantes intermediários em relação às importações representava 32% e reduziu rapidamente para 24%. Esse comportamento do mercado de fertilizante revela a dependência crescente do setor agropecuário às importações e, além disso, contribui para a preocupante redução do valor adicionado da agricultura brasileira na cadeia global de valor. A Petrobras confirmou o fechamento nesse ano da Araucária Nitrogenados S.A. (ANSA), empresa subsidiária produtora de amônia e ureia, fontes de nitrogênio, o que contribui para piora a posição do Brasil na cadeia global de valor.

5.2 Tratores

Conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no ano de 2019, foram produzidas 53.125 máquinas agrícolas no Brasil, representando decréscimo de 19,1% em relação ao mesmo período de 2018, quando foram produzidas 65.656 máquinas (gráfico 28). A produção de tratores de roda reduziu em 28,6% no período, passando de uma produção de 49.851 para 35.572 unidades. Também apresentou redução a produção de colhedoras de cana, em 15,3%, passando de 982 para 832 unidades, reflexo da redução na produção de cana-de-açúcar em 1,2% na safra de 2018/2019.

GRÁFICO 28

Brasil: produção e vendas internas no atacado de máquinas agrícolas e rodoviárias (2019)



Fonte: ANFAVEA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Com relação às vendas internas no atacado de máquinas agrícolas, em 2019 foram vendidas no atacado 43.855 unidades, redução de 8,1% em comparação a 2018, no qual foram vendidas 47.731 unidades. As vendas de retroscavadeiras e tratores de esteiras foram aumentadas, passando de 2.060 e 466 unidades em 2018 para 3.929 e 553 unidades no ano de 2019, o que representou incremento de 90,7% e 18,7%, respectivamente.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

PIB agropecuário 2019 e 2020

Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)
José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Setor externo

Marcelo Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant´Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Ana Carolina de Paula Morais e Felipe Miranda de Souza Almeida (Geral)
André Sanches (Grãos)
Fernanda Geraldini Palmieri (Hotifrutícolas)
Renato Garcia Ribeiro (Café)
Natália Salaro Grigol (Leite)
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi)
Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

Crédito rural

Fabio Ribeiro Servo (Dimac/Ipea).

Insumos

Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira (Universidad del Valle (Univalle))
Jefferson Andronio Ramundo Staduto (Universidade Estadual do Oeste do Paraná(Unioeste))



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Pedro Mendes Garcia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.